



Prof. Dr. Clèmerson Merlin Clève
Presidente do UniBrasil Centro Universitário



UNIBRASIL

FUTURO

O projeto tem como objetivo a manutenção de um canal permanente de divulgação e discussão de ideias, ou seja, pensar o Brasil que queremos para nós, para nossos alunos, para nossos filhos, para a comunidade.

A arte em tempos de pandemia: reflexões

“ *Nós estamos inventando a vida como se antes nada existisse (...) E nós vamos resistir sem medo à solidão de um tempo de guerras, e nossos sonhos loucos e livres vão descobrir e celebrar a paz!* ”
(Geração 70 – Taiguara)

A arte é companheira silenciosa e poderosamente transformadora através dos séculos. Isso é conhecido por muitos, mas fomentado apenas por quem dela se faz acompanhar, como os poetas paranaenses, a quem dedicamos docemente as reflexões aqui delineadas.

As expressões artísticas manifestam-se como a alma e o espírito humano desde tempos imemoriais. Do que chamamos de “homens das cavernas”, restou a arte rupestre que nos conta como viviam, o que comiam, quais os artefatos que inventavam para sua sobrevivência, e até mesmo os rituais de morte, fossem pagãos ou não. Sobrevive, esta criatura, a todos os seus criadores. É, talvez, eterna.

Arte enquanto ofício é, portanto, referencial para toda a humanidade. Nela nos reconhecemos, somos provocados a reflexões profundas; nela nos espelhamos e refletimos. A arte transforma, impulsiona e toca a alma humana. Para tanto, usa o desenho, a escultura, a dança, a literatura, o teatro e muitas outras formas de expressão, estimulando a criatividade, o despertar de consciência e o amor à vida.

Compromisso diário da extrema felicidade tão buscada pelo humano ao longo de todas as civilizações, a arte manifesta-se em todas as épocas e culturas e sobrevive à existência dessas mesmas situações e de seus criadores.

A arte tem o dever de incomodar sempre. Não necessariamente no sentido de causar horror apenas, embora isso possa acontecer. A arte tem a função de incomodar no sentido de revigorar velhos conceitos, de fazer com que olhemos para dentro de nós mesmos e transformar nossa própria visão e conceitos do mundo que nos cerca. Conhecer a si mesmo é parte dessa provocação, mais do que nos devolver uma certa identidade, devolve-nos sentimentos muitas vezes esquecidos.

Cabe dizer que a arte libera os sentimentos mais íntimos e imateriais das diversas culturas. Permite, portanto, o uso de inúmeros materiais ao dispor e alcance de qualquer pessoa atenta ao mundo a seu redor. É estímulo que inspira a acreditar que podemos e iremos além daquilo que podemos ver ou tocar.

A arte nos concede imortalidade impensável em outras esferas do conhecimento e desenvolvimento humanos. É ela que nos leva para além da contemporaneidade em qualquer época, carrega-nos pela história da humanidade, por histórias particulares, por nossas relações com cada uma dessas coisas.

AUTORAS

Lília Coelho de Sousa Santos

Membro do grupo de pesquisa “Cidadania Empresarial no Século XXI” - UniCuritiba.

Viviane Coelho de Séllos Knoerr

Doutora em Direito; professora e coordenadora do PPGD e líder do grupo de pesquisa “Cidadania Empresarial no Século XXI” - UniCuritiba.

Por isso tudo, a arte é o instrumento que alivia tensões, que nos salva, apesar do isolamento social imposto pela pandemia que enfrentamos no mundo inteiro em pleno século XXI. A tecnologia virou instrumento poderoso de levar-nos ao mundo da arte, espaço onde ainda podemos sonhar, acreditar que tudo isso vai passar e que estamos a caminho de uma transformação enquanto humanos.

As diversas lives oferecidas com músicas, filmes, visita a museus e filosofia, entre outras, libertam-nos da sensação de solidão absoluta diante dessa realidade que por enquanto é o que nos garante preservar e preservar o outro.

A ciência precisa de mais tempo para avançar no inimigo invisível e desconhecido para combatê-lo, como aconteceu muitas vezes no passado. E, mais uma vez, é a arte, poderosa e absoluta, que aponta caminhos de esperança e de acreditar que sobreviveremos a esta realidade brutal e avassaladora, que nos desperta para o fato de não sermos infinitos, e também dá um tapa na arrogância de nos acharmos imunes, quase deuses a fabricar em laboratórios até seres humanos.

A pandemia devolve-nos ao nosso próprio tamanho, através do medo imposto pelo invisível, desconhecido e imponderável. E é, mais uma vez, a arte que nos faz companhia nas imensas solidões particulares e coletivas. O combate a uma série de doenças pré-existentes, entre elas o acerbado individualismo a que chegamos, competindo com os nossos iguais para superá-los e sentirmo-nos acima do bem e do mal, a pensarmos-nos autossuficientes, a ponto de esquecermos que o outro somos nós, porque a nossa existência depende da existência do outro. Afinal, o outro somos nós e sem essa referência estamos perdidos em nós mesmos.

Para dar-nos alento, o outro surge via tecnologia para entreter, provocar, comunicar e ser visto; e ver através da arte e do que ela nos comunica. E ela é a única via que temos para tal, capaz de levar-nos para além da rudeza do cotidiano, que nos informa constantemente que ainda estamos vivos.

A pandemia e o isolamento social como sua consequência direta trouxeram uma nova visão do mundo, de nós mesmos e da real função da arte, desta vez como antídoto para a solidão, a desesperança, que produzem doenças outras além do corpo, como depressão, por exemplo, e a arte transporta-nos à saúde

mental que precisamos para reforçar a imunidade.

Não é pelo artista e sim pela sua obra e o que ela nos diz que ainda vale a pena lutar. O resultado do processo criativo e suas consequências ao mostrar que é isso a essência que nos move afinal, que impulsiona a acreditarmos que tudo isso vai passar e far-nos-á mais fortes e, quem sabe, com uma visão mais profunda de onde viemos, quem somos e para onde vamos daqui por diante, perguntas que nos fazemos há séculos e ainda não conseguimos responder satisfatoriamente.

Como disse Ghandi, “a arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte”. Exatamente aqui encontramos a causa e a consequência necessárias para não sucumbirmos, para não procurarmos “culpados” inexistentes por esse trágico destino que nos envolve a todos no planeta. Através do poderoso instrumento do objeto da arte, somos um com todas as diferenças que nos tornam seres particulares e únicos. Mas a arte não é apenas aquele objeto, é todo um processo que acontece como na pesquisa científica, a partir de questionamentos através dos tempos. E, ao longo do fazer artístico, o próprio artista questiona-se, coloca-se para além do “deserto do real”, como fala Slavoj Zizek (ZIEZEK, Slavoj. Bem-Vindo ao Deserto do Real! - trad. Paulo Cezar Castanheira - São Paulo: Boitempo Editorial, 2003).

A proporcionalidade entre ficção, imaginação e ação encontram perfeito equilíbrio na arte que orchestra com harmonia isso tudo. Também científica, a arte é documento porque retrata desde costumes de época à quase inesgotável biodiversidade de flora, fauna e ambientes através dos tempos, o que minimamente devolve-nos à condição de, a nosso favor, inúmeras possibilidades, lições da Terra vindas de sua própria natureza, traduzidas pelos artistas/ilustradores científicos, que fazem obras de arte aliadas à ciência num religare de conhecimentos e linguagens.

Para mais além, a arte é também o potencial instrumento de unir o “eu” e o “outro”; uma vez que estando sós, utilizamo-la para combater esse “não referencial” presencial porque somos uma espécie que necessita da interação com o outro para sobrevivermos.

Pensar em todas essas questões através da arte, em tempos de isolamento, é um desafio e, de certo modo, um convite à reflexão. Quem seremos após essa imensa hecatombe? Esta, na antiguidade, referente ao sacrifício de cem bois, e na contemporaneidade, a mortalidade que assistimos diariamente de inúmeros seres humanos como nós.

Não à toa, filósofos e pensadores como Byung - Chul Han, Zigmund Baumann, Slavoj Zizek, Gilles Lipovetsik, Umberto Maturana, Hannah Arendt e tantos outros vem preconizando a necessidade de mudanças radicais na forma de viver, pensar e agir enquanto humanidade. Todos, com arte, refletindo a contemporaneidade, revolucionando, cada um deles, a respeito de um mundo que

não cabe mais em si.

Ciclo de vida? Mudança de paradigmas? O que será do amanhã? Onde encontrar a cura para o invisível, o imponderável? O que teremos que fazer para superar a crise mundial trazida pela pandemia?

Será que iremos aproveitar, aprender, afinal, a conviver e usufruir das diferenças? Essas respostas virão mais adiante, quando a ciência e sua arte investigativa conhecerem a cura para os males físicos que são provocados pelo inimigo poderoso e invisível que nos apavora a todos.

A arte, neste contexto, aponta que ainda é cedo para pensar-se num suposto “Juízo Final”. Leva-nos a caminhos impensáveis, como a aceitação do diferente e sua inclusão de fato e não mais teóricos. Embora seja percebida de formas variadas e diferentes, o que há de comum é que só a arte proporciona tantas maneiras de transformação em suas múltiplas expressões.

A introspecção forçada vem como um freio poderoso e necessário para provocar maneiras novas em todos os setores do conhecimento humano até então. Trouxemos do passado até aqui a busca pela felicidade; isso dito na Grécia Antiga por Aristóteles e até hoje presente em nossas vidas. Será que devemos alterar as formas convencionais de gerir os recursos como bens comuns?

Elinor Ostrom acredita que sim, e deixou-nos um legado de impressionante conteúdo e de robusto embasamento científico, revertendo a teoria tradicional da economia e mostrando alternativas possíveis no cruzamento de conhecimentos empíricos a partir da observação de comunidades autossustentáveis e de soluções locais. E pensar que ela própria, pesquisadora científica de alto conceito, a ponto de conquistar o Prêmio Nobel em 2009, teve a arte como estímulo na infância, como revela sua fantástica biografia (BAIARDI, Amilcar. Elinor Ostrom, uma premiação da visão unificada das ciências humanas. Cafajeste. CRH, Salvador, v. 24, n. 61, p. 203-216, abril de 2011).

O estadista inglês, Sir Winston Churchill, já dizia:

“ Todas as grandes coisas são simples. E muitas podem ser expressas numa só palavra: liberdade; justiça; honra; dever; piedade; esperança. ”

O momento é bastante propício para pensar-se nesses conceitos. E a arte é mais um poderoso instrumental a nosso favor. Afinal, quem de nós ainda não disse, pensou ou sentiu em algum momento um filme, uma peça, uma exposição, uma música, um livro ou qualquer outra expressão artística que tivesse mudado sua própria vida, seus conceitos e pré-conceitos?

Em tempos de crise, em todas as épocas, fomos individual e/ou coletivamente tocados pela arte, sempre e de algum modo. Com ela, seguimos e buscamos nos conhecer íntima e definitivamente. Não é diferente neste aqui e agora, quando, empoderados, sentimos balançar nossas estruturas por conta de algo invisível como o conceito que temos do Divino: está em toda parte embora não possamos vê-lo.

Apenas crer. E nas religiões, sempre acreditamos em seres superiores que regem nossas vidas. A eles nos apegamos como “tábuas de salvação”. Será que antes, já se rezou em todas as línguas, em todos os lugares do planeta, pedindo a uma voz única: piedade, compaixão e cura?

Ora, a arte reúne tudo isso por manifestar-se em todas as expressões humanas e aceitar todas elas como válidas e transformadoras. Em todos os rituais que conhecemos, a arte materializa a fé com imagens ou com objetos que simbolizam nossas inquietações.

A eles nos apegamos como a única forma de acreditar que ainda estamos no caminho, que ainda há esperança. A sugestão de Paulinho Nogueira é bem propícia na canção Simplesmente “[...]. e logo de manhã olhar bem dentro de você, nas coisas como você vê/ duvidar então do que querem fazer você olhar, você ouvir, fazer você pensar. E chegando a noite devagar, desconstrair sua razão, soltar de leve o coração procurar alguém o seu bem verdadeiro tão somente e vai saber simplesmente o que é bom pra você”.

A arte que perpetua a história da espécie humana, que seja a condutora de um futuro intermediado por seu presente, irradiando o seu passado, como Drummond preconizou em “O homem, as viagens”, quando chegamos pela primeira vez à Lua; “o homem, bicho da Terra tão pequeno, chateia-se na Terra, lugar de muita miséria e pouca diversão. Faz um foguete, uma cápsula, um módulo. Toca pra Lua, desce cauteloso na Lua. Pisa na Lua, planta bandeirola na Lua, experimenta a Lua, coloniza a Lua, civiliza a Lua, humaniza a Lua. Lua humanizada tão igual à Terra. O homem chateia-se na Lua. Vamos para Marte...” depois de esgotados todos os sistemas, Drummond finaliza o poema: “Resta ao homem a difícilíssima, dangerousíssima viagem de si mesmo. Pôr o pé no chão, do seu coração, experimentar, colonizar, civilizar, humanizar o homem, descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas, a perene e insuspeitada alegria de conviver.”

Voltando a Churchill, “não se desperdiça uma crise”, tão em voga no momento, é nela que descobrimos manei-

ras de reinventar-nos, de evoluir. Sim, nunca mais seremos os mesmos, sequer na maneira de pensar.

Ricardo Amorim, economista e apresentador do Globo News, relata: “A partir do momento que as empresas acreditam que a economia vai mudar, isso se torna uma profecia automática e concretizada na sociedade”; [...] “A crise nos tira da zona de conforto e nos força a buscar soluções, seja na vida pessoal ou profissional. Dessa forma, nunca devemos desperdiçar uma crise”. Fórum Amcham Belo Horizonte, principal evento de lideranças empresariais do país, reuniu 800 empresários da região para compreender e discutir práticas de gestão que estão levando empresas a encontrar oportunidades em meio ao desafiante contexto atual.

Lembrando novamente Sir Winston Churchill, “Há um momento especial que acontece na vida de toda pessoa, um momento para o qual ela nasceu. Quando aproveitada essa oportunidade extraordinária, faz com que a pessoa cumpra sua missão, uma missão para a qual somente ela tem as qualificações necessárias. Nesse momento, a pessoa encontra a grandeza. Esse é o nosso momento maravilhoso.”

Missão proporcionada pela arte, o fazer artístico pode ser comum a todos, mas o ser artista, o compromisso de usar a arte como veículo de transformação, é missão de alguns que se destacam neste universo, que são capazes de conferir-nos mais que beleza, transformações de todo o tipo.

Em tempos inimaginavelmente áridos e difíceis, a arte é o elo com o sublime, com a potencialidade de aproximar-nos do Criador, sem que seja preciso um dogma específico, de uma religião qualquer que seja; unifica e nos faz ecumênicos, no sentido de que venha de onde vier, proporciona-nos regozijo, sob a ótica das mais diversas estéticas.

É assim com variados formatos, cores, texturas e profundidade que a arte alcança um patamar jamais alcançado por qualquer outro meio. A arte insere-se até na linguagem tecnológica presente, agora ao alcance dos incluídos digitalmente de várias maneiras. Através dela, essa faixa de população conhece, espanta-se, emociona-se, transforma-se e pratica a transgressão necessária à evolução humana. E, como diz Caetano Veloso em Divino Maravilhoso, “é preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte”.

Trazida aqui para um outro contexto, a canção de 1968 mostra-nos como a arte, sim, mais uma vez, ela própria, reinventa-se, e é com ela que devemos prosseguir aprendendo a não desperdiçar essa crise e a superarmos juntos.

A arte é o que nos salva de nós mesmos. É, a um só tempo, estrada e meio de transporte de emoções e sensações. Veículo de transmissão do novo, do inesperado e, por essa razão, capaz de transportar-nos a dimensões inimagináveis, sem que a gente precise deslocar-se do lugar onde estamos.

Com ela, o aprendizado de que pouco sabemos, pouco mudamos em séculos de existência. E, no entanto, é exatamente aquilo que propõe conhecimento e o despertar de consciência.

A arte é escolha e depende de faculdades humanas, como elaboração, concentração, observação e execução; produz sensações e por isso mesmo é plena de responsabilidades, para além do ego de quem a produz, muitas vezes sofrendo até encontrar em seu autor as soluções que procura para dizer aquilo que se quer. Esforço que só é compensado quando satisfaz não apenas o artista, mas quando dele se liberta e passa a existir para o outro, independente e capaz de atravessar séculos, quando o autor não mais existe, mas a arte a ele sobrevive.

Quando Michelangelo terminou David e disse a própria escultura: “Parla”; só então, a obra alcançou a eternidade em mármore, objeto aparentemente frio, porém, depois de todo o trabalho, David ganhou vida própria e, até hoje, séculos depois, encanta quem o vê.

E, assim, tal qual Michelangelo, tantos artistas deixaram legado inestimável e imortal, porque até hoje provocam a quem tem o privilégio de apreciar essa herança à humanidade, os apreciadores da arte, e também saem transformados dessa experiência.

Neste ponto, o momento presente das que juntas e a distância escrevem este texto, o isolamento social, o silêncio, faz-nos olhar para dentro de nós mesmas, com novos olhares; apreciar a arte e dela fazer um novo caminho nos traz a esperança de dias melhores no porvir, acreditar no dever ser. Essa, no momento, é a forma de estar juntos, ainda como comunidade da espécie humana. É ser todos e ser um, a um só tempo.

Os que sobreviverem a esta tragédia que vivemos, certamente não serão mais os mesmos. A ordem mundial deverá ser reestruturada com esse ciclo tão devastador. Caber-lhes-á o não julgamento, portanto, a não culpa disso ou daquilo. Os novos passageiros dessa Arca de Noé forçosamente deverão sair mais humanos, como se depois dessa “higienização” física, do ambiente, de nós mesmos, aprendêssemos que não somos nada sem o outro e que nossas preocupações com ele devem ser, doravante, ao menos parecidas com o lema “amai-vos uns aos outros como Eu vos ameii”.